



BRASIL, PAÍS DO FUTURO: UM OLHAR DIACRÔNICO

Gismair Martins Teixeira¹

Resenha do livro de Stefan Zweig, *Brasil, país do futuro*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1941. 149 p.

No início do século XXI, o Brasil parece viver um momento promissor no contexto internacional. Integrante do BRIC, o Brasil iniciou o novo milênio com prognósticos positivos para o futuro a médio e a longo prazo. Esta perspectiva algo otimista em relação ao porvir brasileiro pode evocar em muitos o espírito de ufanismo próprio de uma visão nacionalista. O panorama internacional dos últimos anos, que apresenta uma forte crise econômica norte-americana e europeia, faz com que estudiosos da conjuntura geopolítica mundial se lancem a especulações sobre o futuro da sempre móvel cena política. Neste contexto, a literatura que trata do Brasil no concerto das nações se revela uma matéria assaz instigante. Ainda mais quando essa visão é a do outro, entendido aqui como o estrangeiro que busca analisar as potencialidades tupiniquins. Assim se tratando, uma das obras que mais tem chamado a atenção é, sem dúvida, *Brasil, país do futuro*, de autoria do judeu austríaco Stefan Zweig. Traduzida ao português em 1941, diversos fatores caracterizam-na como uma produção singular sobre a nação brasileira. Dentre eles, destacam-se o tom ufanista da obra e a sua íntima

¹ Doutorando em Letras e Linguística pela Faculdade de Letras da UFG; bolsista da Capes e professor da Secretaria de Educação do Estado de Goiás. E-mail: <gismair@yahoo.com.br>.

conexão com a biografia do autor. Zweig emprega da primeira à última página de seu livro sobre o Brasil um discurso ufanista.

Judeu nascido na Áustria aos 28 de novembro de 1881 e falecido, aos 22 de fevereiro de 1942, em Petrópolis, Stefan Zweig era filho de um industrial que enriqueceu no ramo da indústria têxtil na Boêmia. A fortuna do pai permitiu-lhe uma existência sem maiores preocupações materiais, o que fez com que se dedicasse integralmente aos estudos e ao lazer (BONA, 1996, p. 13). Graduado em Filosofia e Letras, Zweig especializou-se em escrever novelas, peças teatrais, biografias e ensaios. *Brasil, país do futuro*, pertence a este último gênero. Dentre a sua vasta produção – 34 obras no total, dentre as quais seis são publicações póstumas –, destacam-se títulos que tratam de personagens como Balzac, Dickens, Dostoiévski, Maria Antonieta ou Erasmo de Roterdã. Acerca do livro póstumo, *O mundo que eu vi*, escreve a biógrafa Dominique Bona em *Stefan Zweig: uma biografia*:

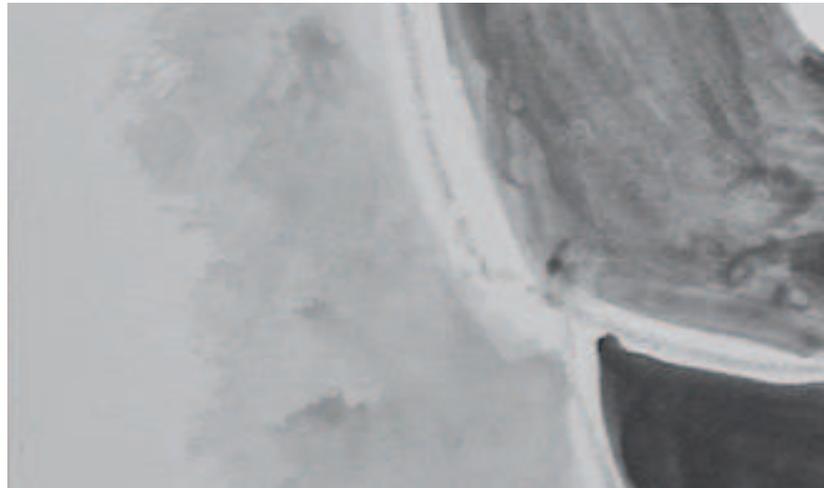
Assombroso contraste: ao mesmo tempo que escreve *Brasil, país do futuro* – a primeira edição do livro é publicada com o título em português em outubro de 1941 –, ele escreve suas memórias, a que dará o nome de *O mundo que eu vi*. De um dia para o outro, ou de uma hora para outra, seu coração vacila e se despedaça. Por um lado, o futuro o chama, e é para um universo impreciso mas pleno de promessas que ele formula seus votos. (BONA, 1999, p. 337)

Esta nota biográfica aponta, pois, uma curiosidade relativa à produção de *Brasil, país do futuro*. Trata-se do estado de espírito de Zweig ao escrevê-la. Não deixa de ser uma suposição plausível que, ao tempo em que produzia a sua autobiografia, o escritor austríaco já abrigasse em seu íntimo a ideia do suicídio. Assim, causa admiração o otimismo em relação ao futuro que perpassa a obra alusiva ao Brasil.

resenhas e críticas • BRASIL, PAÍS DO FUTURO: UM OLHAR DIACRÔNICO

Na estruturação de *Brasil, país do futuro*, Stefan Zweig segue uma ordenação geográfica, representada pelas principais capitais brasileiras, isto é, Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Salvador e Recife. A esta estrutura geográfica antecede uma abordagem histórica, com foco no desenvolvimento civilizatório e econômico, preparatórios do povoamento das regiões brasileiras. O leitor moderno perceberá, contudo, que o escritor austríaco, ao construir o seu ensaio, procedeu de forma um tanto impressionista em suas análises. O rigor das citações que a hodierna metodologia de pesquisa aponta está ausente na escrita de Zweig. Assim, as referências aos dados que embasam o ensaio são esparsas e aproximativas em diversos momentos do texto (ZWEIG, 1941, p. 139), com estatísticas pouco precisas e muito centradas em estimativas. A exceção a estas aproximações corre por conta dos dados registrados pela História, que Zweig parece ter compulsado bem para compor *Brasil, país do futuro*.

No ano de 1950, o Brasil organizou a Copa do Mundo de Futebol. Com um time muito forte, a Seleção Brasileira se constituiu ao longo da competição em favorita absoluta ao título. Na grande decisão, o escrete canarinho enfrentaria a seleção do Uruguai. O otimismo era tanto que, na véspera da grande decisão, o selecionado brasileiro posou com a faixa de campeão. Como se diz popularmente, só esqueceram de combinar com o Uruguai, que derrotou o Brasil de virada, pelo placar de 2x1, episódio que ficou conhecido como *Maracanazo*. A derrota deu origem a uma comoção nacional. Com base nela, o dramaturgo Nelson Rodrigues cunhou a expressão *complexo de vira-latas* para assinalar que o insucesso na grande final devia-se a um sério problema congênito de autoestima que os brasileiros teriam em relação aos outros povos. Apesar de ser extremamente



complexo o problema da autoestima de uma nação, o certo é que *Brasil, país do futuro* apresenta uma curiosa relação cultural com a máxima de efeito de Rodrigues. Verdadeira ode à nação brasileira, a obra de Zweig teve uma surpreendente recepção, pois não agradou às elites culturais. Abstração feita aos porquês da estranha recusa, é curioso pensar na proposição *rodrigueana*. Ao suposto *complexo de vira-latas* da cultura brasileira da época soou estranho aquele ensaio que exaltava um, até então insuspeito, pedigree tupiniquim em relação ao futuro, para ficarmos na metaforização de teor canino. Ao leitor deste início de século e milênio, porém, distanciado em sete décadas da publicação do ensaio zweigiano, o contexto econômico e geopolítico mundial da atualidade poderá servir como ponto de partida para um novo olhar, talvez mais isento em sua recepção, sobre *Brasil, país do futuro*.

Referências

BONA, Dominique. Stefan Zweig: uma biografia. Tradução de João Domenech e Carlos Noughé. Rio de Janeiro: Record, 1999.